

# ZOOM

fotografia prática

**100%  
NACIONAL**

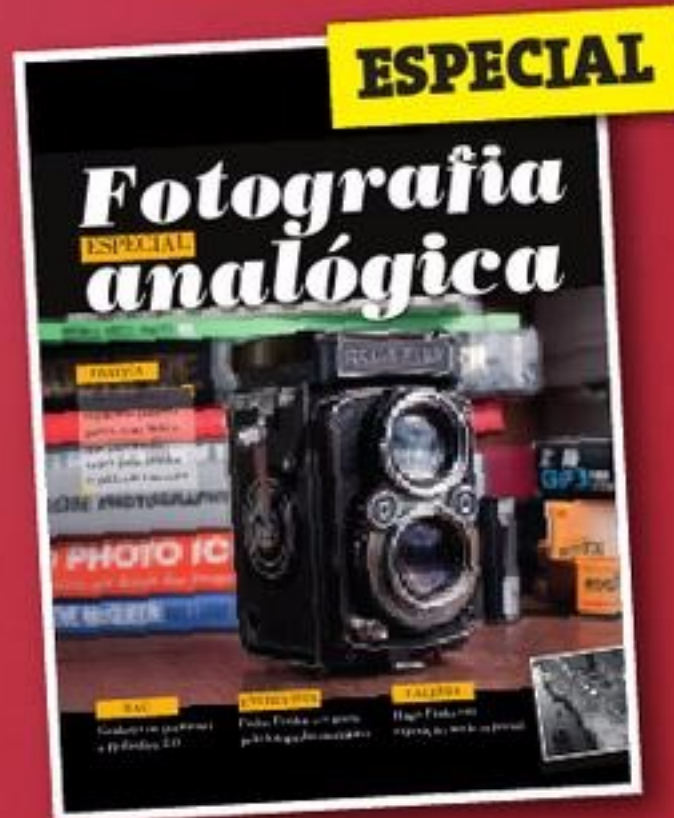
**N.º 11**

JUN./JUL./AGO. 2012

€3.00

Portugal [Cont.]

**+  
16  
páginas**  
O MESMO PREÇO



> FRUTA AOS PEDAÇOS  
> SAIDO DA CASCA

## FOTO-AVENTURA

Maurício Matos testa as Leica M8 e M9  
na Costa Rica

# FLASH sem segredos

Conhecer o flash, o seu funcionamento, modos e componentes pode ser a chave para uma fotografia expressiva e recheada de efeitos criativos. Neste artigo fazemos luz sobre um dos mais importantes acessórios que o fotógrafo tem ao seu dispôr.



**LUÍS AFONSO**

# A fotografia do silêncio, do equilíbrio e do espaço

*Despertou tarde para a fotografia mas ainda foi a tempo de se tornar num excelente fotógrafo de paisagem natural. Luís Afonso conhece bem a natureza e trabalha em conjunto com ela para conseguir uma fotografia onde o silêncio ocupa sempre um lugar de destaque.*



Canon 5D MK II . 21mm .  
f/11 . 200" . ISO 100



Canon 30D . 20mm . f/8 . 1/15" . ISO 100

**zOOM: Assume-se como Fotógrafo de Paisagem Natural. Qual é o seu habitat natural? Montanha? Planície? Praia? Floresta?**

**Luís Afonso:** Montanha, planície, praia ou floresta, todos são ambientes que me apaixonam. Desde que exista algo de belo para fotografar – e há sempre... – não importa o cenário. O importante é que o local me toque de alguma maneira e, se esse clique interior acontecer, lá estou eu preparado para o registar da forma mais deslumbrante que conseguir.

Isto não quer dizer que não existam elementos na natureza que sejam os meus favoritos. Água, árvores e pedras são elementos que me entusiasma e não é difícil encontrar-me à procura deles quando deambulo pelo nosso país. E é também a lugares onde esses elementos se encontram que eu faço questão de voltar vezes sem conta. No início do meu percurso era frequente encontrarem-me junto à água salgada da costa portuguesa. É um cenário que ainda gosto de frequentar mas que cada vez mais deixo de lado. Talvez porque hoje em dia é difícil ir a uma praia, em especial na costa do Parque Natural Sintra-Cascais, sem dar de cara com mais uma dezena de fotógrafos. Atualmente, serra e floresta são os ambientes que mais procuro, principalmente porque é nesta área que o meu portfolio precisa de mais conteúdo, mas também porque é aqui que eu penso poder fazer a diferença e desfrutar do mais íntimo contacto com a natureza de forma solitária e silenciosa. O silêncio é fundamental na minha vida e na minha fotografia e nada me agrada mais do que poder percorrer, semana após semana, locais de grande beleza e raramente frequentados (pelo menos às horas a que fotografo) por outras pessoas.

A planície é talvez o ambiente menos explorado na minha fotografia, mas não está de todo posta de parte. A seu tempo...

**Está na fotografia assim mais a sério vai para oito anos. Foi uma paixão tardia? E como é que começou?**

Não me lembro dos meus pais terem uma máquina fotográfica em

casa quando era pequeno. Tenho poucas fotografias de pequeno e a fotografia não esteve muito presente na minha infância. Lembro-me de, na minha adolescência, por lá ter passado uma daquelas Kodaks Ektra dos anos 80, vermelha, com filme em cassete, e de me fascinar o ato de carregar no botão. Nessa altura fazia algumas fotos de família e os meus pais lá me deixavam revelar um rolo de quando em vez. Mas foi só em meados de 90 que, já na universidade, realmente me apaixonei pela fotografia. Na altura tinha um colega de apartamento e grande amigo que era fotógrafo e que me ensinou a revelar e ampliar fotos a preto e branco. Foi aí que verdadeiramente tudo começou. Eu de vez em quando roubava-lhe a sua SLR e fazia umas fotos. No final da licenciatura, quando deixei o apartamento onde vivíamos e a câmara escura, decidi que estava na hora de comprar a minha máquina.

**Comprou a primeira câmara em Viena? Qual era? E porquê Viena? Foi um impulso? Ou a cidade convenceu-o a fotografá-la?**

A compra da minha primeira câmara em Viena não tem nada de romântico. Foi apenas um acaso. Eu fui para Viena no contexto de um estágio curricular, ao abrigo do programa Leonardo da Vinci para recém-licenciados. Levei comigo emprestada a máquina fotográfica do meu cunhado que se avariou poucos dias depois de eu lá ter chegado. Como não concebia a ideia de lá estar sem máquina aproveitei o meu primeiro ordenado para comprar uma Canon EOS 500N. Foi essa a primeira máquina que tive e que é a responsável por ainda hoje ser fiel à marca.

**Diz que gosta de criar a sua própria visão de um local e não se deixa influenciar pelo trabalho de outros. É isto que caracteriza a sua fotografia? Um olhar muito próprio?**

Eu penso que é isso que deve caracterizar a fotografia de toda a gente, ou pelo menos, aquilo que devia. Se não pretendermos apresentar um olhar nosso naquilo que fotografamos então a nossa foto-

grafia nunca será verdadeiramente nossa. Mas eu não diria que é isso que a caracteriza. Diria mais que é algo essencial a tudo o que faço e isso teria de se refletir necessariamente na minha fotografia.

Quando digo que não me deixo influenciar pelo trabalho de outros é mais no sentido de não procurar o trabalho de outros para me inspirar. Só muito recentemente me senti pronto para começar a estudar o trabalho dos fotógrafos de referência de modo a não os tentar copiar, mas sim para perceber até onde se pode desenvolver trabalho no âmbito da paisagem natural.

Está muito generalizada a ideia de que se aprende muito a tentar copiar uma determinada fotografia observando o local onde foi feita e os dados técnicos da mesma. A verdade é que nunca passou por aí o meu caminho de aprendizagem. Quanto mais saio para o terreno, inclusive para os mesmos locais, mais se confirma que a natureza é um ser admirável e muito temperamental e que as condições de luz que nos oferece são sempre diferentes. Não vale a pena sair de casa com ideia de que se vai fazer determinada foto, como determinada abertura e velocidade, em determinado ângulo, porque é à natureza que cabe sempre a palavra final.

Cabe-nos a nós fazer o melhor com aquilo que ela nos brinda naquele momento e tem de ser a nossa alma a criar a imagem com aquilo que nos toca. É isso que tento fazer e será isso que, no fim, torna a minha fotografia eminentemente pessoal.

#### ***E qual o segredo para fotografar a natureza em toda a sua magnificência?***

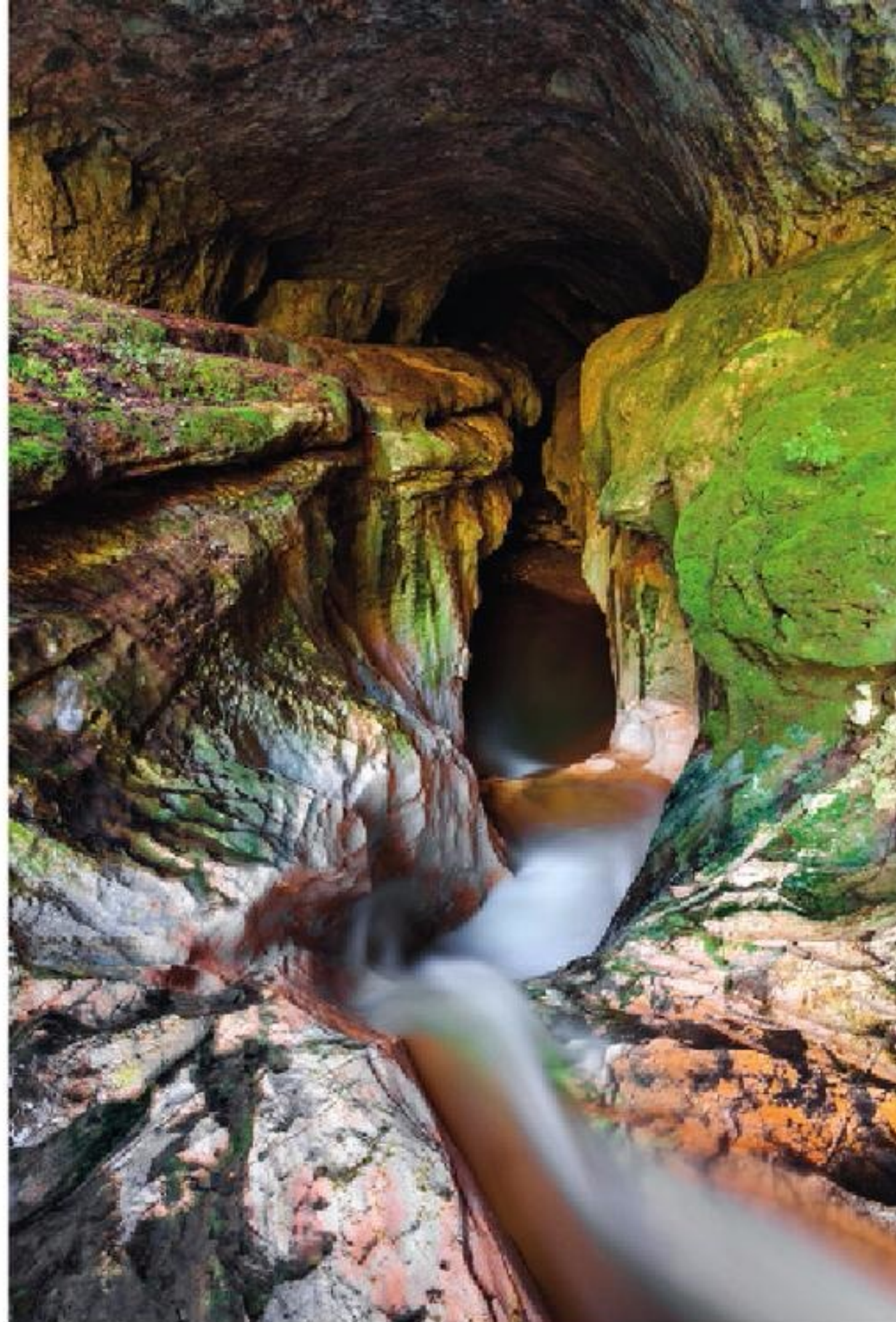
Acho que o principal segredo é estar atento ao que a natureza nos oferece nas suas vertentes de espaço, tempo e clima... Tal como o fotógrafo de moda confia no seu modelo para fazer consigo determinada foto, também o fotógrafo de paisagem natural deve trabalhar em conjunto com a natureza para extrair o que ela tem de melhor para mostrar. Conhecer a natureza e os seus caprichos é fundamental para o sucesso de qualquer fotógrafo desta área. Saber quando a luz vai estar no seu melhor, saber prever o que vai acontecer depois de um dia de tempestade, saber que no fim do dia o vento normalmente acalma e que ao nascer do sol a natureza está normalmente mais adormecida são apenas alguns dos enigmas que temos necessariamente de saber decifrar.

E depois é preciso muita paciência. A fotografia de natureza não é certamente indicada para os inquietos que gostam de chegar a um local, clicar duas ou três vezes e seguir para o próximo local. Para fazer uma determinada foto são, frequentemente, necessárias horas de espera em condições climatéricas adversas, à espera do momento de luz certo. Estar à hora certa no local certo não é, na maior parte das vezes, uma questão de sorte. É antes um trabalho de amor e muita persistência.

Por fim é necessário um domínio da técnica fotográfica bastante sólido. Saber que filtro usar em determinadas condições de luz, onde colocar o ponto de foco, que abertura usar, como expor de modo a maximizar a qualidade da imagem, quantos stops de luz posso registar com a câmara que tenho em meu poder, a que sensibilidade posso chegar sem comprometer o resultado final... tudo isto é importante e deve estar previamente apreendido para quando chegar o momento de registar a natureza em todo o seu esplendor não andarmos à procura de que botões premir e que opções de menu seleccionar. Mas penso que isto será verdade em qualquer estilo fotográfico.

#### ***Sabemos que é um fã da fotografia com pouca iluminação. Fale-nos um pouco dessa paixão.***

Acho que todos os fotógrafos de paisagem natural são "fãs" de uma



Canon 5D MK II . 17mm . f/13 . 20" . ISO 200

forma ou de outra da fotografia com pouca iluminação. Acho que é uma consequência da paixão por este género e não propriamente uma escolha que se possa fazer deliberadamente. Isto porque é precisamente nas horas do dia em que a luz é mais ténue que a natureza faz normalmente a sua magia. É na alvorada e no ocaso que os céus se transformam numa paleta de cores que muitos julgam ser criada no rei dos softwares de edição; é por esta altura que as sombras se alongam dando uma terceira dimensão aos elementos; é nesta hora que o tempo corre e se deixa fundir numa única imagem, permitindo suavizar a água, o vento ou a terra.

Isto não quer dizer que se fotografe apenas nestas alturas e eu cada vez mais tento também registar momentos fora da chamada hora dourada. Mas o que é certo é que estar no meio da natureza quando o planeta acorda ou assiste e gravar para sempre em memória um pôr do sol de cores inimagináveis continua a tocar quem faz e quem vê fotografia. E não há como fugir desta realidade, até porque isso não faria o mínimo sentido.

Mas talvez a maior razão pelo meu gosto pela fotografia com pouca iluminação será mesmo o silêncio que permite evocar nas fotos que produzo nestas condições. A falta de luz alonga os tempos de exposição e isso permite condensar numa só imagem aquilo que aos nossos olhos é registado continuamente. Este processo permite simplificar a realidade e, na minha opinião, esta simplificação é o conceito chave na fotografia e em especial na fotografia de paisagem natural. Talvez o maior desafio de qualquer fotógrafo estará em decidir o que incluir e o que excluir numa imagem e no meio de todo esse processo ainda terá de simplificar a realidade que tem perante si de modo a construir uma imagem que a apresente de forma equilibrada.

## Ponta de São Lourenço

Escolher a minha fotografia favorita é impossível... mas uma das que gosto mais foi feita na Madeira, mais precisamente na Reserva Natural da Ponta de São Lourenço. Depois de trinta minutos de carro, a meio da tarde, desde o Funchal até este local, decidi fazer grande parte da vereda de São Lourenço uma vez mais. Para além das boas fotografias que proporciona, é um excelente local para praticar caminhada e fazer algum exercício físico. Costumo fazer uns 4 km de subidas e descidas o que me ocupa normalmente um bom par de horas. Na volta do caminho, a uma altitude de quase 70 metros, observo o sol a pôr-se na costa norte da ilha. O céu dramático já chamava por mim há alguns minutos e, de passo apressado, procurava o melhor ângulo e um primeiro plano perfeito. Encontrei um fabuloso bouquet de plantas e decidi que estava na hora

de montar o tripé.

O vento era forte, como sempre é neste local, e o sol estava quase a desaparecer. Foi preciso ser rápido a colocar filtros, bolha de nível, lente grande angular. Seleccionada abertura de f/22 para atingir o efeito de estrela no sol, ajustar filtro de densidade neutra em gradiente e fazer a exposição. A ISO 100 a primeira exposição – com um filtro de densidade neutra de 3 stops para suavizar a água do mar – dá uns generosos 3 segundos. Com o vento, as plantas no primeiro plano estão suavizadas pelo movimento. Subo o ISO para 1600, retiro filtros e faço outra exposição para conseguir congelar o movimento das folhas. Hora de voltar para o carro. Em casa, processo as duas exposições no Lightroom e posteriormente, no Photoshop, conjugo as duas fotos já editadas, tendo como base a primeira e aproveitando apenas a zona das plantas no primeiro plano da segunda. Foi a forma que encontrei para superar a ventania que se fazia sentir e de, mesmo assim, fazer a foto que tinha em mente.

É isso que eu pretendo mostrar na minha fotografia: o silêncio, o equilíbrio, o espaço. E é durante a luz ténue da manhã e do fim do dia que o consigo fazer melhor.

### **Quanto tempo fotografa por semana? E como concilia a fotografia com a “vida real”?**

Tento fotografar uma média de 6 a 8 horas por semana. Conciliar isto com a minha vida profissional e familiar não é tarefa simples, mas é em grande forma facilitada pelo apoio que tenho a nível familiar. O importante é manter um equilíbrio e escolher claramente as horas em que se vai fotografar e as horas em que se está com a família. Habituar a família a um ritmo certo permite que se criem rotinas e que os planos de todos possam ser cumpridos.

E depois há que não ter remorsos quando se olha para um céu fabuloso mas não se pode sair para fotografar. A minha família também já os distingue e já brinca comigo repetindo a doce frase: “está um céu divinal para a prática da fotografia!”.

Mas o importante mesmo é nunca deixar passar muito tempo sem sair para fotografar e isso eu nunca faço.

### **Nós, na zOOM, gostamos sempre de aproveitar que o entrevistado está distraído para lhe “remexer” no saco de equipamento. Fale-nos um pouco do seu “arsenal”.**

A minha mochila anda sempre bastante carregada. Neste momento podem lá encontrar: um corpo Canon EOS 5D Mark II que me acompanha desde que a marca o lançou, no outono de 2008, e o qual considero a ferramenta de trabalho perfeita.

Uma lente zoom grande angular 17-40 da série L da Canon que considero o maior achado na gama de lentes Canon, uma telezoom 70-200 da série L da Canon que tem uma qualidade de imagem do melhor que se produz no mercado e uma zoom standard 24-105mm, também da série L da Canon, que utilizo cada vez mais para não andar sempre agarrado às grandes vistas.

Em termos de acessórios tenho um controlo remoto e um cabo disparador para quando a pilha do controlo acaba, uma bolha de nível para garantir que os horizontes estão direitos, vários panos de limpeza, vários cartões de memória compact flash, duas baterias, duas lanternas, um kit de 3 filtros de densidade neutra em gradiente da Lee, dois filtros de densidade neutra (um de 3 stops e outro de 10 stops) e um filtro polarizador. Os filtros são fundamentais para garantir a exposi-

ção perfeita, o controlo das diferenças de luz e para reduzir em muito o trabalho de edição.

Um bloco de notas, cartões de visita e algumas canetas. O telemóvel é também um precioso auxiliar com algumas aplicações relacionadas com fotografia e mapas.

Fora da mochila carrego um tripé dos dois que fazem parte do meu arsenal.

### **Agora, escolha uma “peça” e explique-nos de que forma ela melhora o seu trabalho.**

Algo que me acompanha sempre é o tripé. Não consigo fotografar sem ele e sinto-me “despido” quando não o tenho. As vezes que me esqueci da peça que agarra o tripé à câmara estão gravadas na minha memória para sempre e não fazem certamente parte dos momentos mais felizes da minha carreira como fotógrafo. O tripé é “apenas” o utensílio que me permite fazer o tipo de fotografia que faço, em especial às horas do dia em que a faço, e chamar-lhe um acessório é seguramente faltar à verdade. Para além disso o tripé permite-me fazer as coisas com tempo e com a distância suficiente para abrandar o ritmo das coisas. Colocar a máquina em cima do tripé permite-me ter tempo para olhar e estudar as composições com a calma que preciso, se bem que hoje em dia passo mais tempo a olhar com a máquina na mochila do que com ela em cima do tripé. Mas, no início, aconselho todos a nunca saírem de casa sem o tripé e a abrandarem o ritmo dos seus cliques. É mesmo importante olhar, ver e tornar a olhar, pois só assim se fazem as fotos que se querem fazer e não se fotografa ao acaso o que está em frente de nós.

### **O trabalho de “campo” é só uma parte. Depois vem a pós-produção. Que programa de edição é que o Luís utiliza? E que tipo de uso lhe dá?**

A edição é tão importante como o momento de premir o botão do obturador. Tal como um disco de música, um livro ou um filme tem de ser editado antes de poder ser fruído pelo público, também uma foto tem obrigatoriamente de ser editada antes de ver a luz do dia. Para terem uma ideia, eu nunca publico ou mostro foto nenhuma – a não ser à família mais próxima – antes de esta ser editada. A edição é aquilo que transforma a captura de uma imagem numa fotografia e é o processo criativo que transforma quem tira a fotografia num verdadeiro criador.

Nos workshops que leciono, ou nas conversas que tenho com amigos,



Canon 5D MK II . 26mm .  
1/22 . 0.6" . ISO 100

vem muitas vezes à baila a noção que de a edição é um processo de adulteração da fotografia. "Isso é só Photoshop" é das frases que os fotógrafos de paisagem natural mais ouvem e à qual mais têm de responder. Isso é, por certo, resultado de alguns exageros e impróprias utilizações dos softwares de edição, mas também falta de conhecimento e vivência de experiências por parte das pessoas. É interessante observar um fotógrafo iniciado a fotografar o seu primeiro pôr do sol e a testemunhar as alterações de cor que se vislumbram nestas alturas e perceber o desmanchar de muitos mitos. Afinal, estas cores são mesmo naturais... Eu utilizo 90% das vezes o Adobe Photoshop Lightroom para processar os ficheiros RAW e para fazer trabalho de câmara escura: calibrar balanço de brancos, ajustar luminosidade e saturação das cores, correções a deficiências da lente, ajustar contraste e correção da exposição. Penso que é um excelente software de edição e se tivesse de viver apenas com um seria certamente este.

No momento de publicar ou imprimir a foto passo o ficheiro já editado para o Photoshop para aumentar a nitidez (sharpness). Uso o Photoshop porque é mais potente do que o Lightroom e porque tenho já pré-definições que são impossíveis de replicar nesse software.

Nos casos em que preciso de fazer blending, ou seja, usar duas capturas diferentes para produzir apenas uma foto, também uso o Photoshop por ser o único que me permite usar camadas.

**Vem aí uma pergunta de resposta obrigatória. Todos recordamos alguns episódios divertidos, que aconteceram "no cumprimento do dever". Conte-nos o seu.**

Episódios divertidos... deixa-me pensar... não sei, não me lembro efetivamente de nenhum. Lembro de alguns não tão divertidos mas que, agora à distância, me fazem sorrir. Uma vez estava a fotografar sobre um passadiço de madeira em Belver, sobre as margens do rio Tejo. Tinha deixado a mochila em cima dele como costume fazer e levei o tripé para ir fotografar mais adiante. O meu cunhado que ia comigo resolveu agarrar na mochila para a levar para o pé de mim. Quando

## TALENTO

Não Profissional ■ Profissional



LUÍS AFONSO

Idade: 40

Equipamento:

Canon EOS 5D Mark II

Canon EF 17-40mm f/4L USM

Canon EF 24-105mm f/4L IS USM

Canon EF 70-200mm f/4L IS USM

Filtros: Set de NDs Graduados Lee; Lee

ProGlass 0.6 ND Standard; B+W 110 ND 3.0;

Heliopan 105mm Slim Multi-Coated Circular

Polariser

Tripé Manfrotto 055CXPRO4

<http://www.luisafonso.com>

olhei para ele só o vi a atirar-se para o chão e lentes a rolar pelo passadiço. Qual guarda-redes de futebol, conseguiu agarrar na minha telezoom, mas a 50mm f/1.8 caiu e ficou equilibrada em cima de uma rocha. Ainda a consegui recuperar mas estava partida. Felizmente era a mais barata. Moral da história: nunca mais deixar a mochila aberta seja em que condições for.

Noutra vez, na Malhada do Louriçal, ia pegar na bolsa dos filtros comprados há pouco mais de um mês e, quando deito a mão ao bolso dos calções, nada... Procuro na mochila e não estão lá. Toca de procurar pela praia toda. Quem conhece a praia sabe que não há areia, mas apenas milhares de pedras redondas e escorregadias. Passado mais de 30 minutos, já meio desistente, lá encontro a bolsa fechada debaixo de uma rocha e dentro de água. Salvaram-se algumas centenas de euros e principalmente o tempo de espera por mais um kit de filtros difíceis de arranjar. Destas tristes histórias com equipamento tenho várias... que não vale a pena contar. Mas partilho um sábio ensinamento: não facilitem. Os tripés caem, as objetivas e os filtros partem-se e as pedras na praia são muito escorregadias. Ah, e as máquinas não são à prova de água!

**Pergunta final: Se a sua câmara falasse? O que diria ela?**

Bom, se ela falasse estou certo que me pediria imediatamente para a tirar da mochila. Pois o que ela gosta mesmo é de estar no meio da natureza, à chuva, a ser salpicada com a maresia salgada, a aguentar graus negativos na Serra da Estrela, a desbravar o escuro numa gruta da Serra de Aire ou simplesmente a absorver o calor de um fim de tarde de outono.

Mas, certamente, também me agradeceria por a ter levado a sítios incríveis em Portugal, que têm tanto de belo como de selvagem e de a ter convidado a testemunhar momentos naturais de incrível beleza. E, no fim, também me diria obrigado por a ter limpo, lubrificado, levado à revisão anual e, enfim, por a ter tratado sempre com a atenção que ela merece, pois só assim a conseguirei conservar por mais uns bons largos anos. **Z**



Canon 5D MK II . 17mm . f/11 . 0.6" . ISO 100



Canon 300 . 10mm . f/22 . 0.5" . ISO 100